Joural' A Tribure' 12.10.75 BR. 1BES. C.O.

17

Flodoaldo Viana explica a origem do teatro-escola; Nasci em Alfredo Chaves e trabalhava numa famácia. Um dia apareceu a Companhia de Comédia Leda Stella, que, sendo subvencionada pelo Serviço Nacional de Teatro, devia fazer tournées pelo interior dos estados. O dono e ensaiador da companhia, onde trabalhavam 17 atores, era Eurico de Souza e Silva, teatrólogo e professor de teatro. A companhia chegou em Alfredo Chaves e ficou lá durante um més. Comecei a namorar a filha do dono. Dirce, e nos casamos"

Foi então que Flodoaldo começou a acompanhar a companhia de profissionais, que viajavam pelo país apresentando peças infantis e para adultos. Durante 13 anos, os atores apresentaram peças em teatros municipais, cinemas, igrejas. No interior dos estados, na maioria das vezes tinham que dormir no próprio local onde se apresentavam, por não haver outro.

Em 1951, a Companhia Leda Stella voltou a Vitória, para uma temporada no Teatro Carlos Gomes, que naquela época já pertencia ao Governo, mas estava arrendado à empresa Santos, dona dos cines Glória e Santa Cecília. "No teatro, apresentamos 10 espetáculos, sempre com a casa lotada. As peças eram "Deus lhe Pague", de Juracy Camargo, "Bicho do Mato", "Joaninha Buscapé, de Luiz Iglesias, "Feitiço", de Oduvaldo Vanra, e muitas outras, que agradavam ao público. Nós nos apresentávamos também na Escola Técnica e outros locais, como praça pública e cinemas, por exemplo. Eramos convidados para apresentar peças em formatura de normalistas e contadores", explicou o presidente.

Neste mesmo ano de 1951, a pedido de moradores da Praia do Canto, a Companhia Leda Stella foi se apresentar no antigo salão paroquial da Igreja Santa Rita de Cássia. "Depois do espetáculo, lembra Flodoaldo Viana, meu sogro, Eurico de Souza, sofieu un enfarte e tivemos que parar de viajar. Eu também não tinha condições para isto. Fomos então consultar o então governador do Estado Jones Santos Neves, sobre a possibilidade de se criar um teatro em Vitória. Ele nos deu todo apoio e nos cedeu o auditório da Escola Normal. Foi assim que fundamos o Teatro Escola de Vitória".

Um repertório eclético

A partir de então, a companhia se apresentava três ou quatro vezes por mês no teatro, pagando um aluguel de 10 contos de réis, sendo a maioria peças para adultos. Além destas apresentações, excursionou por Campos, Aimorés, Governador Valadares, e por todo o Estado do Espírito Santo.

Segundo Flodoaldo, "nesta época, recebemos muita ajuda do Governador Jones Santos Neves, que arranjava condução com motorista, para que pudéssemos nos apresentar em outros estados. Todos os meses, realizávamos também espetáculos na Santa Casa para os enfermos, no antigo sanatório Getúlio Vargas, na penitenciária, no Hospital Infantil, no leprosário, sempre quando havia alguma festa ou feriado. Dávamos também espetáculos em praça, ao ar livre, nos bairros, e nos apresentamos até na praça 8 de Setembro. Nas excursões que fazíamos fora do Estado, a gente dormia nas poltronas do cinema, até esperar o dia seguinte para ir embora, quando não havia outro local".

Até 1961, o Teatro Escola de Vitória tinha grande atividade, chegando a realizar mais de 10 espetáculos por mês, quatro no teatro e seis em outros locais. Porém, chegou uma época em que não havia mais condições de realizar espetáculos: não havia verba para os próprios atores. Somente a condução, o aluguel do teatro e o

ATRIBUNA

2º Caderno

Não pode ser vendido separadamente

domingo, 12 de outubro de 1975

Será apresentada hoje, às 14 e 16 horas, no Teatro Carlos Gomes, a peça infantil 'O Gato de Botas", de Geisa de Boscoli, pelo Teatro-Escola de Vitória, dirigido por Flodoaldo Viana. Os ingressos custam CrS 5,00 (estudantes): CrS 10,00 (inteira): CrS 50,00 (camarotes). Oito atores participam da encenação, dividida em tres atos, alguns deles tem experiencia teatral de muito tempo: Gerson Von Randow (o Gato de Botas), Nadia de Souza Viana (princesa), Giovana Mereguedi Vieira (princesa Eleonora), Alvaro Rosindo (rei), Fernando Fachetti (príncipe), Dirce Viana (Fantasia), Wallace de Souza Viana (Bruxo) e Jorge Lopes (Saci).



O Teatro Escola de Vitória apresenta hoje, às 14 e 16 horas, a peça infantil "O Gato de Botas" no Teatro Carlos Gomes.



O Teatro-Escola de Vitória foi fundado no dia 28 de julho de 1951, por Flodoaldo Togneri Viana, seu atual presidente, Dirce Souza Viana, Gerson Von Randow, Floriano Acioly Barros, atual assessor do Secretário de Educação e Cultura, Gilson Leão Borges, hoje Juiz de Direito e Henrique Leon-Fa.

Nesta entrevista para A TRIBUNA, Flodoaldo Viana conta a história do Teatro Escola de Vitória, suas crises e seus períodos de maior atividade, enquanto rememora incidentes curiosos, alguns muito engraçados, ocorridos durante suas apresentações.

Conheça a incrível história do Teatro Escola de Vitória

vestuário eram pagos, e geralmente os espetáculos serviam para arrecadar dinheiro para alguma instituição, ou eram realizados em praça pública.

explicou que receberam muito apoio e ajuda dos governos Jones Santos Neves, Cristiano Dias Lopes e Adelfo Poli Moniardim e da imprensa escrita. "Mas atualmente

Com a posse de Cristiano Dias Lopes no cargo de Governador, o Teatro Carlos Gomes iniciou sua reforma. Quando foi novamente inaugurado, Flodoaldo Viana foi chamado para tomar conta da parte administrativa e para criar um grupo no próprio teatro. "O diretor do teatro era então Marien Calixte. Montei duas peças, Chapeuzinho Vermelho e O Casaco Encantado, e quando chegou o dia da apresentação da primeira, meia hon antes de a gente subir no palco, a bilheteria ainda não estava aberta. Além disso, não houve nenhuma divulgação A frequência foi baixíssima. Mas isto não me preocupos muito porque, afinal, o teatro estava ainda em organização e podia ter sido mero esquecimento do diretor. Mas, quando fui perguntar qual era o meu salário, Maries me respondeu que tinha uma verba de Cr\$ 400,00; fi quei com raiva e fui embora. Não voltei mais, eu ganhaja melhor como publicista".

Sobre a atividade intensa do Teatro Escola de Vito

explicou que receberam muito apoio e ajuda dos governos Jones Santos Neves, Cristiano Dias Lopes e Adelfo Poli Monjardim e da imprensa escrita. "Mas atualmente tudo ficou muito fechado. Não temos mais apoio como antigamente. Na época de Euzi Morais, diretora da Fundação Cultural, não adiantava nem pedir o teatro foi um período negativo para a gente. Mas, com o atual diretor, José Costa, temos recebido todo o apoio necessário para que as atividades voltem a ser como antes".

Uma das intenções de Flodoaldo Viana é poder voltar de vez ao teatro, criando Teatro de Revista, Teatro Negro ("temos tanta mulata e negros bonitos por aí, por que não aproveitar?"), Teatro de Comédia. "Temos condições de fazer isso, mas precisaríamos de verbas. Antigamente, o Teatro Escola participava de muitas solemidades. Apresentamos uma peça na inauguração do IBES, em praça pública, na época que o Chiquinho era candidato a governador. A gente se apresentava e depois havia o comício".

"Para a Feira dos Municípios, levamos ao teatro a peça infantil "O Casaco Encantado", de Lúcia Bene-

dette, para a barraca das crianças, conseguindo uma renda de Cr\$ 15 mil. Foi nesta época que as atividades do Teatro Escola se reiniciaram.

"Cristo" e as baratas

Entre os casos interessantes que aconteceram durante as atividades do TEV, Flodoaldo Viana relembrou uma das encenações de "A Vida de Cristo", no Teatro Carlos Gomes: Há uma cena em que Cristo carrega uma cruz enorme mas oca para que não pese muito, e esta era guardada no porão do teatro. Cristo tinha que atravessar o palco caindo três vezes, e batendo a cruz no chão com força para que, junto com a sonoplastia, impressionasse os espectadores. Quando o Cristo bateu a cruz no chão pela primeira vez, começaram a sair baratas, que foram subindo pelo corpo de Cristo e da Virgem Maria. O público não notou, pois começaram a piscar as luzes e os soldados foram batendo nas baratas, disfarçando, para que ninguém percebesse".

Outro caso interessante ocorreu com a mesma peça, apresentada em Santo Antônio. "O Cristo era Floriano Acioly Barros. Faltavam poucos minutos para o espetáculo e ele ainda não tinha chegado. Soubemos que estava na casa da namorada, não Praia do Suá. Como ele não estava chegando, telefonei para o então Superintendente de Polícia Civil, Lauro Calmon da Gama. Este mandou uma Rádio Patrulha pegá-lo e Floriano chegou em Santo Antônio preso".

A mesma peça ("ela só deu confusão") foi representada na Praia do Suá, na festa de São Pedro. Flodoaldo Viana era o Cristo e tinha que ser "crucificado" de cabeça para baixo. Mas não podia ficar muito tempo nesta posição, a cortina tinha que abrir e fechar logo. Cristo crucificado, a cortina abriu e os personagens continuaram falando os diálogos. Mas a cortina enguiçou e ninguém conseguia fechá-la. Flodoaldo começou então a gritar que ia morrer, e a cortina teve que ser fechada a força.

"Um fato interessante que gosto sempre de lembrar foi uma briga que houve entre a pianista Edith Bulhões e Lenira Borges, bailarina. Em 1962, recebi um telegrama do senador Jeferson Aguiar, avisando-me que uma verba de Cr\$ 50 mil tinha sido destinada à entidade. Mas, como já tinha interrompido as atividades do TEV, não fui buscar o dinheiro no banco. Edith Bulhões e Lenira Borges começaram a brigar para ver quem recebia o dinheiro; a última ficou com ele. Como esta verba, que foi dada a quem não era destinada, muitas outras também não vieram à entidade", explicou o presidente.

Com relação ao teatro no Brasil, Flodoaldo Viana afirma que atualmente há bons autores, "Mas sou contra o teatro pornográfico, que utiliza palavrões e gestos só para chocar o público. Acho que o teatro é uma coisa limpa, não se deve usar sujeira no meio. "O Beijo no Asfalto", de Nélson Rodrigues, é uma peça muito boa e atual, que não contém pornografia; outra é "Compra-se um Marido", de Mario Lago, que já encenamos. "O Outro André", comédia de Correia Varela, é outra peça que pretendemos apresentar no Teatro, restando apenas a Fundação Cultural marcar a data, que talvez seja na primeira quinzena de dezembro. A Loja Maçônica de Vila Velha inclusive pediu que apresentássemos a peça, pois ela estava precisando de verba. Nesta peça, pretendemos renovar todos os atores. Nela trabalharão a diretora do Colégio Polivalente de Vila Velha, Alba Santana; Glória Faquetti, previdenciária, Jorge Lopes, e outros. Pretendemos apresentá-la também na Ufes, onde entrei em entendimentos com o professor Jose Belesa, de Cantro de Artes, faltando apenas marcar a data".